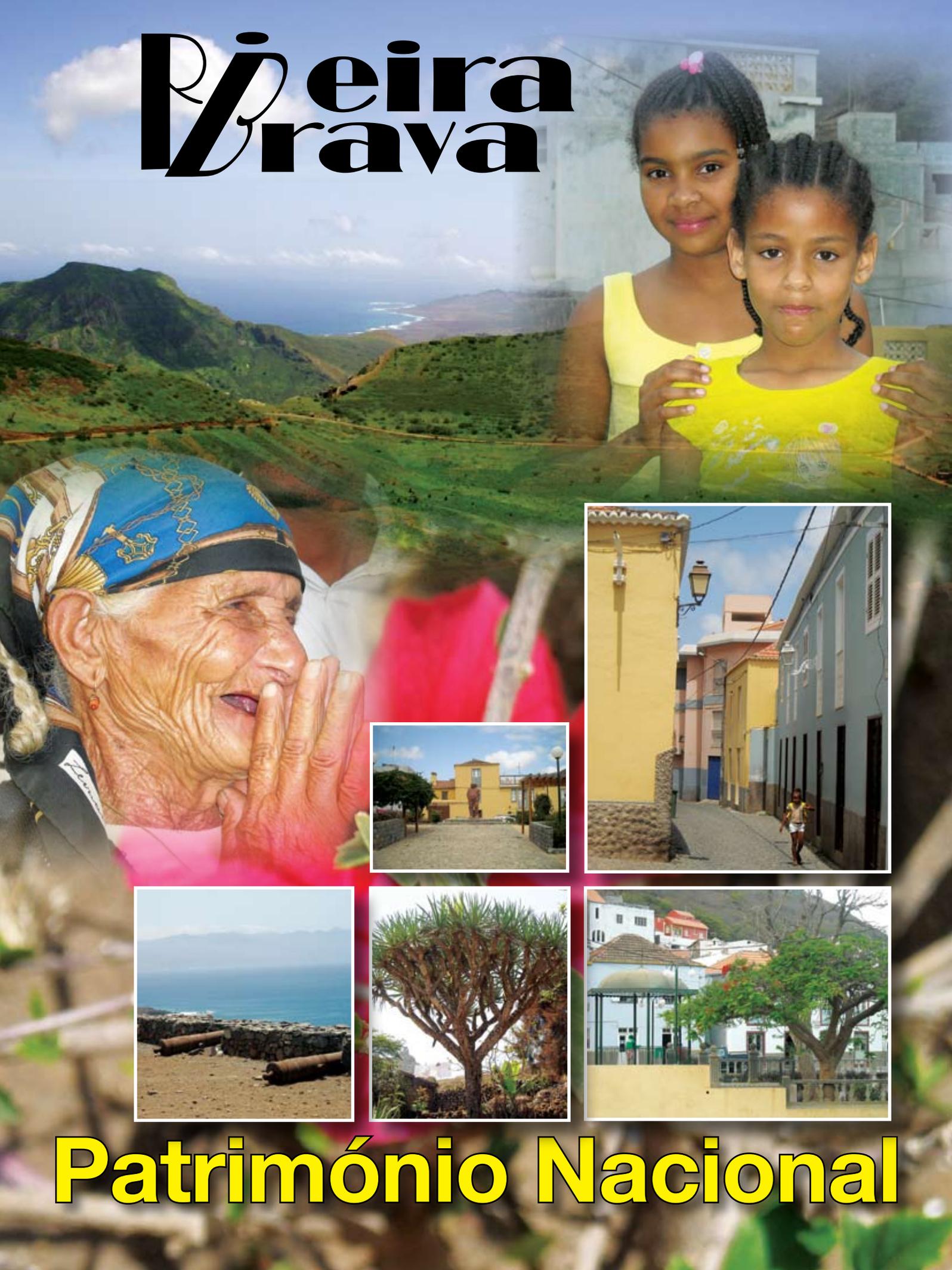


Ribeira Brava



Património Nacional



4 a 11

Entrevista “O desenvolvimento depende de todos nós”



26

Um olhar de fora – São Nicolau encanta Petra Lanz

Ficha Técnica

Propriedade

Câmara Municipal da Ribeira Brava, São Nicolau

Produção e Edição

Alfa Comunicações, Lda. – Palmarejo
CP 690 Praia – Cabo Verde
Tel: + (238) 262 85 05 • Fax: 262 85 05
E-mail: alfa_com@cvtelecom.cv

Colaboraram neste n.º

Gisela Coelho (editora), Karina Moreira

Design

Bernardo Gomes Lopes e

Fotografias

Alfa Comunicações, Câmara Municipal da Ribeira Brava

Tiragem

2500 exemplares

Distribuição gratuita



14 a 20

Grande Reportagem
“Ribeira Brava
– Património Nacional”



27 a 30

Cultura – Entre a música e o Carnaval



24 e 25

Empreendedorismo
– Agricultor vai criar empresa
de produção e transformação
de produtos



33 e 34

Turismo – À descoberta
da Ribeira Brava

EDITORIAL



Ribeira Brava enfrenta novos desafios que se colocam à ilha de São Nicolau, em particular, e a todo o arquipélago em geral. É certo que, apesar da conjuntura económico-financeira não ser a mais propícia para se apostar em investimentos e se realizarem grandes projectos, Ribeira Brava não pode baixar os braços, correndo o risco de perder o take off que atravessa, neste momento impar do seu processo de desenvolvimento.

É certo que este trabalho é árduo e exige a participação de todos os ribeirãobravenses. O desenvolvimento não se compadece com atitudes passivas, mas sim com iniciativa, dinamismo e confiança no futuro. É esta postura que peço a todos os munícipes para que integrem a equipa camarária, como se todos fossemos um só nesta nossa luta pelo progresso e desenvolvimento, que há muito a nossa ilha vem reclamando.

Estamos conscientes de que os desafios não são fáceis de se conquistar, mas só serão alcançáveis se juntos acreditarmos que é possível. O município tem sofrido grandes avanços em termos de água e saneamento, energia eléctrica e melhoramento da rede viária, assim como no acesso a habitações sociais condignas, em todos os povoados. Mas, estamos conscientes de que ainda há um grande caminho a percorrer. Nós temos que lutar, trabalhar e produzir ainda com mais qualidade, apostando na agricultura moderna, não de subsistência, mas de economia de mercado. No momento em que conseguirmos gerar riquezas e tirar partido das nossas mais valias, vamos conseguir combater o desemprego. Só assim será possível desencravar a ilha de São Nicolau.

Ribeira Brava completa, a 30 de Agosto, 278 anos da sua elevação à categoria de Vila e já conta com um longo e esforçado processo de desenvolvimento mas ainda é preciso mais para alcançarmos o nosso merecido estatuto de Cidade, em 2011, altura em que completaremos 280 anos de história como Vila. Esse será o momento para que o Governo reconheça o nosso empenho e nos presenteie com aquilo que já passou a ser um direito nosso – o direito a sermos Cidade.

Mas não vamos ficar por aqui. Ribeira Brava é um município construído com história, edificado com base nas fortes raízes culturais. Aqui nasceu o berço da intelectualidade crioula com o Seminário de São Nicolau, por aqui passaram grandes nomes da cultura, da história e do panorama político-social do arquipélago, que reafirmam o papel exemplar que São Nicolau teve na construção da identidade do nosso povo. Esta identidade está patente nas nossas tradições, na nossa cultura, na nossa história e na traça arquitectónica das nossas ruas e canais que nos conferem toda a legitimidade para que a Vila da Ribeira Brava venha a ser considerada Património Nacional de Cabo Verde.

Tudo é possível. Basta acreditarmos que se trabalharmos juntos vamos conseguir e as coisas acontecem. A autarquia conta consigo neste caminho longo, mas que acreditamos ser frutífero para a Ribeira Brava e para as suas gentes.

Votos de uma boa leitura

Américo Nascimento

A close-up portrait of Américo Nascimento, a middle-aged man with short, graying hair, wearing glasses and a light blue shirt. He is looking slightly to the right of the camera with a neutral expression. The background is a plain, light-colored wall.

AMÉRICO NASCIMENTO

**“O desenvolvimento
depende de todos nós”**

Apesar da pouca população, que se estende por uma diáspora ainda maior do que a própria Ribeira Brava, o município que viu nascer Baltasar Lopes tem registado avanços significativos na melhoria da qualidade de vida da população. Isto deve-se em grande parte, ao esforço conjunto entre a autarquia e a população, que começa a despertar para a necessidade de ter um papel activo no desenvolvimento sustentável da região. Em entrevista à revista Ribeira Brava, Américo Nascimento, presidente deste município de São Nicolau, fala abertamente sobre o progresso que deseja para o município que dirige e aponta os sectores da água, energia, transportes e estradas como peças fundamentais para o desenvolvimento local. O edil do berço da intelectualidade nacional apela ainda à auto-estima e cumplicidade de todos os munícipes e da imensa diáspora, para que seja possível vencer a árdua batalha do desenvolvimento, que afirma já estar em andamento e não haver margem para retrocessos. Elevar Ribeira Brava a Património nacional e a Cidade são ainda dois dos objectivos que o edil quer cumprir neste mandato, juntamente com a população que o elegeu.



Cabo Verde enfrenta novos desafios neste processo de conjuntura de desenvolvimento. Este processo inclui o combate à desertificação e, isso, passa pela criação de condições de sustentabilidade para a fixação das populações locais em cada ilha, tendo em conta a valorização dos recursos naturais. Aqui, na Ribeira Brava, quais são os grandes projectos que vão contribuir para uma maior sustentabilidade da região e da população do município?

O povo cabo-verdiano e neste caso concreto, a população da Ribeira Brava, sempre enfrentou desafios e, de uma forma ou de outra, teve crises cíclicas. Portanto, estamos num momento de crise internacional, mas, Cabo Verde, e isso inclui a Ribeira Brava e a sua população, tem de arregaçar as mangas para ultrapassar a crise. Nós temos que lutar, trabalhar e produzir ainda com mais qualidade. A nossa governação vai completar um ano no próximo dia 9 de Junho e nós estamos a cumprir o

que delineámos, de forma programada e estamos optimistas em cumprir todo o nosso programa.

Até agora o balanço é positivo mas não estamos totalmente satisfeitos, porque o dia em que estivermos totalmente satisfeitos, quer dizer que algo vai mal. O desenvolvimento exige desafios constantes e a nossa sina, como eu costumo dizer, é resolver o problema da água, que é uma questão básica para o desenvolvimento deste município. Primeiro, para que as pessoas tenham água de qualidade para o seu consumo diário e, segundo, porque o município da Ribeira Brava tem como pilar do seu desenvolvimento económico a agricultura. E, neste âmbito, numa primeira fase, conseguimos satisfazer minimamente as populações com a distribuição de água. No entanto, sabemos que a batalha continua e já temos projectos que nos dão algum alento e com certeza iremos resolver de forma sustentada o problema da água, ou seja, neste momento temos o projecto de dessalinização de água, financiado pelas Nações Uni-

das através do fundo Índia, Brasil e Sul de África, no montante de um milhão e 600 mil dólares. Estamos no processo do concurso público e queremos ter água para toda a ilha, com uma produção diária de 1200 m3.

Mas, produzir água dessalinizada implica vários gastos em termos de energia. Está previsto o recurso a energias alternativas para minimizar esses custos?

Sim. Nós queremos recorrer às energias renováveis para conseguirmos um projecto com sustentabilidade, reduzindo os custos com a energia convencional, para que, quando a água chegar ao consumidor tenha um custo sustentável e o consumidor possa pagar o seu preço. Desta forma, o projecto vai ficar mais caro, porque temos que ter sistema de bombagem e construir reservatórios e depois pelo sistema de gravidade servir toda a ilha de São Nicolau. Mas, a água significa ainda mais para nós. Temos as prospecções feitas pelo Governo que indicam que temos um volume de água considerável no subsolo que será utilizada para a agricultura. Para além disso temos ainda obras de captação de água no Vale da Fajã, incluídas num programa do Millenium Challenge Account. Com esta disponibilidade de água vamos ter uma produção

altamente excedentária e temos de ter um mercado onde colocar esse produto.

Aqui coloca-se um dos maiores constrangimentos nesse processo de escoamento dos produtos para fora da ilha, que é a falta de um barco de transporte.

Precisamente. Neste campo, estamos a trabalhar com o Governo, mas principalmente com um grupo de privados nacionais que não são de São Nicolau, na aquisição de um barco que tenha por base a nossa ilha. Porque, nós temos capacidade para produzir com qualidade mas vamos ter que colocar os produtos



no mercado externo, como o Sal e a Boa Vista. Com este canal de produção e distribuição, conseguimos toda a base para podermos combater o desemprego na região e gerar riqueza para as populações.

Em todo este processo, de que forma é que a população pode e deve contribuir de forma activa para a sua própria sustentabilidade?

Antes de mais, para a população contribuir, tem que acreditar que é possível. Das conversas que a autarquia tem tido com a população, constatamos que ela começa a entender todo esse dinamismo. O emprego não se cria de forma mágica, mas sim de forma integrada e sustentada porque as Frentes de Alta Intensidade de Mão-de-obra não são a solução porque são periódicas

Nós queremos induzir as pessoas a criarem o seu próprio emprego e darem emprego a outras. Porque, no momento que conseguirem gerar riquezas, vão ter necessidade de mais pessoas para trabalhar, para produzir. Aqui estamos a debelar o desemprego e a criar recursos, só assim é possível desencravar a ilha de São Nicolau. E, isto passa necessariamente pela aquisição de um ferry-boat de transporte de mercadorias e viaturas também.





por uma nova via também e depois à Preguiça.

Refere-se ao anel rodoviário?

Sim. O que queremos fazer é, no término da actual estrada, criar duas saídas. Por um lado, a via seguirá para o aeroporto da Preguiça, e por outro vai contornar a vila pela Ladeira de Igreja e depois irá ligar à estrada que seguirá acima pelo Vale da Ribeira Brava. Este anel vai reunir as condições fundamentais para a ligação e comunicação entre



Em que processo está esse ferry-boat?

A câmara está a servir de ponte para incentivar empresários que vão entrar com financiamento seja, dinheiro próprio, ou com recurso à banca, e a autarquia não tem necessidade de entrar como investidor neste processo. A única garantia que queremos é que sirva verdadeiramente São Nicolau e o aproxime das outras ilhas de forma mais directa e eficiente, no escoamento dos seus produtos.

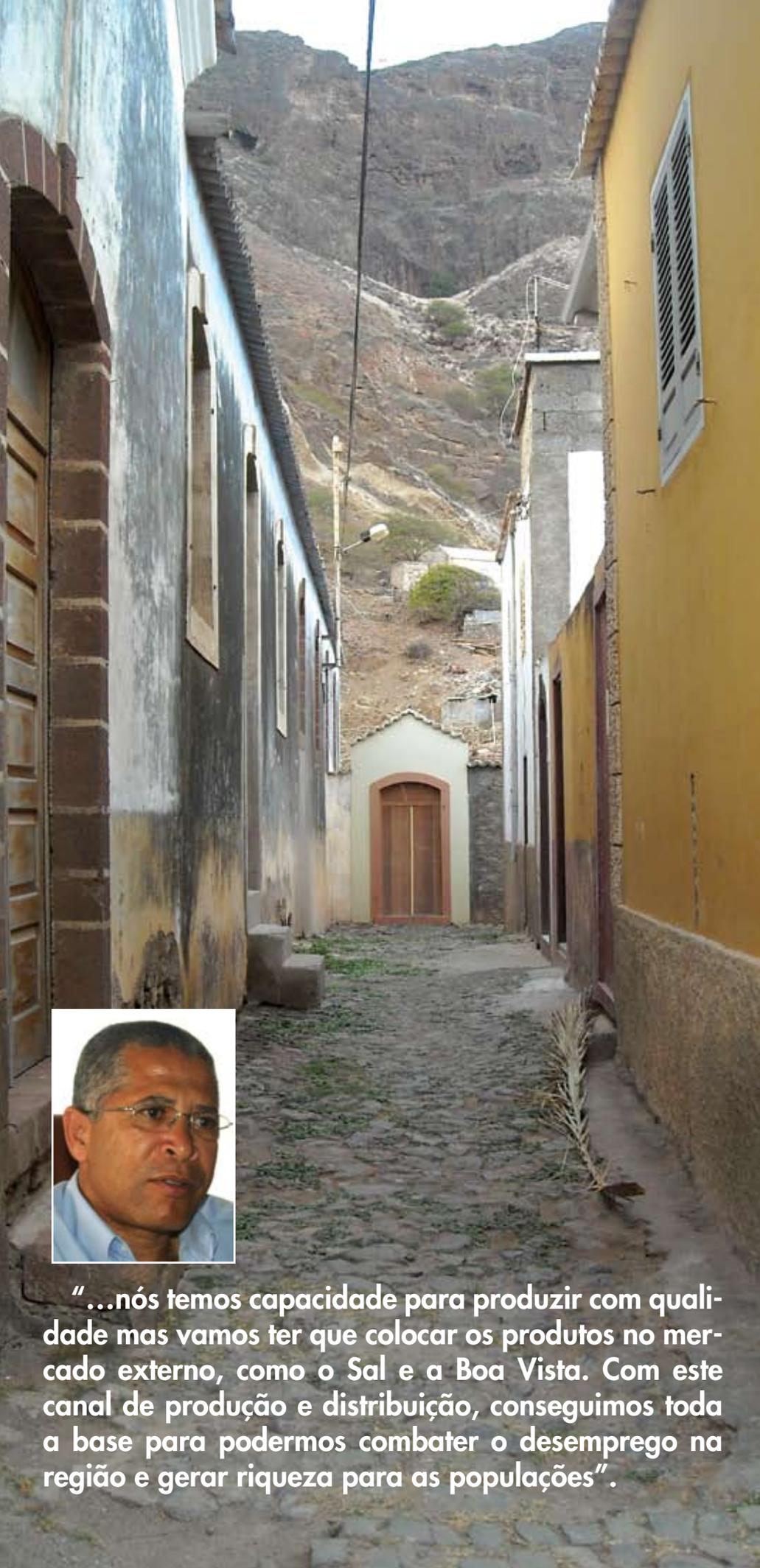
Água, energia, transportes e estradas são então as condições fundamentais para o desenvolvimento da ilha. Em termos rodoviários como é que está o município?

Sem dúvida que esses são os ingredientes essenciais para desenvolvermos de forma sustentável. Eu defendo que cada município deve procurar as vias de sustentabilidade do seu território, caso contrário não conseguirá ter um desenvolvimento verdadeiramente sustentável. Nós estamos extremamente optimistas e acreditamos neste processo. No mês de Junho vamos ter a ligação dos dois municípios da ilha com uma via de qualidade, com uma estrada asfaltada e logo a seguir vamos ligar a Vila da Ribeira Brava ao aeroporto



“...com certeza que iremos resolver de forma sustentada o problema da água, ou seja, neste momento temos o projecto de dessalinização de água, financiado pelas Nações Unidas através do fundo Índia, Brasil e Sul de África, no montante de um milhão e 600 mil dólares”.





“...nós temos capacidade para produzir com qualidade mas vamos ter que colocar os produtos no mercado externo, como o Sal e a Boa Vista. Com este canal de produção e distribuição, conseguimos toda a base para podermos combater o desemprego na região e gerar riqueza para as populações”.

os principais pontos de desenvolvimento da ilha. Neste campo temos também o problema de ligação com o Carriçal, que está em péssimas condições mas, pouco a pouco estamos a melhorar e vamos chegar lá também.

No encontro que tivemos com o Primeiro-ministro José Maria Neves recentemente, tivemos a garantia deste anel rodoviário, nem que venha a ser feito por fases e eu acredito que seja um processo contínuo.

A parte que vai passar a contornar a vila pela Ladeira de Igreja é uma obra urgente por causa da própria protecção civil da Vila da Ribeira Brava, devido às enxurradas.

Esta estrada vai ter também miradouros para que os ribeirão-bravenses, turistas e visitantes possam contemplar a beleza da Vila que queremos elevar a Património Nacional porque, para mim, é a Vila mais bela de Cabo Verde.

Ribeira Brava completa a 31 de Agosto 278 anos da categoria de elevação a Vila e já conta com um longo e esforçado processo de desenvolvimento. Para quando a elevação a Cidade?

Esse é um repto que vamos deixar ao Governo, para que em 2011, quando completarmos 280 anos as celebrações sejam precisamente de elevação a Cidade. Porque uma cidade não se mede só pela sua dimensão. Mede-se pela sua história, pela sua cultura e pela sua traça arquitectónica e nós temos tudo isso e muito mais: temos a herança do berço da intelectualidade nacional. Enquanto a Cidade Velha foi o berço da nacionalidade crioula, São Nicolau e a Ribeira Brava foram o berço da intelectualidade crioula. É por isso, que nós também queremos ter aqui aquilo a que alguns chamam economia da cultura. Queremos que a cultura represente um factor económico de desenvolvimento.

“O emprego não se cria de forma mágica, mas sim de forma integrada e sustentada porque as Frentes de Alta Intensidade de Mão-de-obra não são a solução porque são periódicas. Nós queremos induzir as pessoas a criarem o seu próprio emprego e darem emprego a outras”.



Isso pode ser conseguido por exemplo a partir do Carnaval de São Nicolau que é muito conhecido e afamado?

Exactamente. Este ano, tivemos uma experiência fantástica, com imensa procura de imigrantes, turistas e gentes de todas as ilhas. A TACV esgotou todos os seus voos para São Nicolau e isso quer dizer alguma coisa. Mas há muito a fazer neste campo e estamos já a trabalhar num DVD promocional do nosso Carnaval para trazer mais gente para a ilha e assim gerar riqueza e investimento na Ribeira Brava. Temos uma diáspora que é maior que a população que vive no município e queremos fazer com que essa gente, querida da terra, programe as suas férias para momentos especiais como este e também as festas Juninas.

O Carnaval tem tudo para ser

um produto turístico. A única coisa que não abona a favor, mas que também não é difícil de ultrapassar, é o cumprimento do horário.

Este é um trabalho que tem que ser feito em conjunto com os grupos e a população para que possamos apresentar um Carnaval bem organizado e para que seja um produto “*sui generis*”, porque é diferente de todo o Carnaval que se faz em Cabo Verde.

Queremos transformar a Vila da Ribeira Brava num cartão de visita para todo aquele que visita São Nicolau e para isso temos de promover o que temos de melhor: a nossa história, cultura, o Parque Natural de Monte Gordo também, porque é a nossa “Jóia da Coroa”. Temos tudo para projectar a Ribeira Brava como município modelo e isso requer um trabalho de todos, autarquia, Governo e população.



Já que fala em município modelo, Ribeira Brava é considerado o município mais limpo de Cabo Verde.

Sim, é verdade. A nossa Vila é muito limpa e toda a gente que cá vem, vê isso. Mas não estamos satisfeitos e sabemos que podemos fazer mais. Temos algumas casas que ainda se encontram degradadas e queremos encontrar parceiros e conversar com os proprietários para sensibilizá-los para a importância que a reabilitação arquitectónica dessas casas representa para eles e para o município. É que é importante manter a beleza da traça arquitectónica, assim como das nossas ruas estreitas e canais,





Anel rodoviário - “Por um lado, a via seguirá para o aeroporto da Preguiça, e por outro vai contornar a vila pela Ladeira de Igreja e depois irá ligar à estrada que seguirá acima pelo Vale da Ribeira Brava. Este anel vai reunir as condições fundamentais para a ligação e comunicação entre os principais pontos de desenvolvimento da ilha”.

que são também importantes para que possamos receber todos os que nos visitam com a simpatia que nos é característica.

Já falou na intenção da autarquia em elevar a Vila da Ribeira a Património Nacional. Como está esse processo?

Esse é um dos nossos grandes objectivos e é um projecto e solicitação que tem que ser submetida ao Governo e, possivelmente, vamos

fazê-lo formalmente no marco dos nossos 278 anos. Aqui temos que ter todo o cuidado em termos de preservação das construções antigas e das ruas, assim como outros cuidados que esse reconhecimento assim o exige. Temos também o Seminário, a nossa Igreja Matriz e própria arquitectura da Vila e felizmente, em termos de ambiente aqui ainda não se coloca o problema das construções clandestinas, porque não as temos. Por isso, temos todas as condições para que possamos ser reconhecidos como Património Nacional.

Há então algum projecto para revitalização do Centro Histórico da Vila?

Sim. Vamos continuar com a melhoria dos arruamentos. Vamos construir um novo acesso para os alunos da Escola Primária e do Liceu, que vai também requalificar a zona da Ladeira, para que os alunos tenham alternativas de acesso para não circularem nas ruas estreitas, e não corram o perigo constante que se verifica com a circulação de viaturas também nessas ruas.

Vamos realizar intervenções de recuperação em alguns bairros da Vila para que se reúnam as condições necessárias em termos urbanos e arquitectónicos para a concretização do nosso objectivo. Depois, temos feito melhoramentos nos nossos jardins e em toda a Vila e queremos torná-la ainda mais verde. Somos a ilha com mais praças e jardins e queremos que estes se mantenham como lugares agradáveis para as pessoas poderem usufruir.

A autarquia quer apostar no Turismo, mas para isso é preciso também investir na área de hotelaria. Há projectos previstos neste campo?

Isso é fundamental, mas temos que estimular o sector privado. Esta é uma área em que temos de ser



nós a dar um empurrão. Mas aqui temos um grande problema que é a da titularidade dos terrenos. Porque, no nosso município, os terrenos pertencem ou a privados ou ao Estado. Primeiro temos que ter terrenos legalmente para podermos fazer tudo de acordo com a lei. Só assim é possível andar com os investimentos para a frente. Por outro lado, não basta construir unidades hoteleiras porque, se não há perspectivas de desenvolvimento, como é que se vão deixar os hotéis vazios? Nós temos potencialidades e temos que as divulgar porque só assim os parceiros



aparecem. Não podemos fazer papel de “coitadinhos”, temos que ter uma atitude positiva e provarmos a nós mesmos que somos capazes.

E quanto ao ordenamento do Território Municipal?

Estamos num processo avançado do trabalho com o Governo nesse sentido. Já lançamos o concurso do Plano Director Municipal e está em execução o esquema regional de Or-



denamento do Território de São Nicolau. Já foram delimitadas as principais zonas da Ribeira Brava para que possamos ter aquilo a que chamamos de património do município enquanto posse útil de terrenos que estejam dentro desses perímetros.

A zona de expansão a que chamamos Chã de Norte tem um plano detalhado, mas esse plano ainda não está homologado. Com a homologação desse plano e a transferência dos terrenos para o domínio municipal haverá uma grande dinâmica na construção de novas moradias. Quando essas construções arranca-rem vamos ter mais emprego. O mesmo se verifica na Preguiça, onde há

um grande interesse de investidores para a construção de pequenos empreendimentos turísticos, mas não temos terrenos. Mas acreditamos que esse aspecto será ultrapassado brevemente, porque o processo está bem avançado com o Governo.

A população tem sabido corresponder a todas as essas expectativas? Que atitude espera dos municípios?

Uma atitude de confiança, de auto-estima porque sem a população, não vamos a lado nenhum. Primeiro é preciso que confiem em si mesmos e, em segundo têm de acreditar nas potencialidades do seu município e, em terceiro é preciso que continuem acreditar nos dirigentes da Câmara Municipal. Assim estaremos juntos para abraçar a batalha do desenvolvimento e há perspectivas claras de que é possível. É preciso haver um engajamento conjunto para esse desenvolvimento.

Onde pretende chegar com isso?

É simples. Por exemplo, ao falarmos em desenvolver a agricultura, que é uma das nossas grandes valias, temos que falar em formação profissional e, ainda no passado mês de Maio lançamos o primeiro curso em agro-pecuária para criarmos as condições necessárias para o seu desenvolvimento. No entanto, amanhã para além da agricultura, poderemos identificar outro ponto de expansão, porque também temos de ter outras pretensões que não sejam só a agricultura e pecuária, no sentido da produção.

O Centro de Formação Agro-pecuária pode enveredar por outros cursos. Porque, nós temos que saber produzir, mas também transformar e manusear produtos. Temos de produzir queijo, carne e frescos e, para estas tarefas, também é preciso pessoal com formação adequada.

Como é a relação da autarquia com os municípios e com a diáspora?

É uma relação aberta. Vejam que a nossa presidência é aberta. Nós não temos um dia específico para audiências com os municípios, como acontece na maioria dos municípios. Aqui, o ribeira-bravense bem à autarquia quando quer para falar com o presidente, ou seja com quem for. Nós conhecemos todos os problemas de todas as localidades. Claro que nem sempre é possível resolver tudo logo, porque nem sempre depende apenas de nós, mas os municípios sabem que podem contar com a autarquia. Queremos um desenvolvimento de parceria com todos na Ribeira Brava e com a envolvência de todos os imigrantes também. A nossa diáspora é grande e representa uma força sólida para o município. Vejam só que em termos de transferências de recursos, nós estamos em 5º lugar a nível nacional, e isso, se compararmos com o universo da população existente, estamos em primeiro lugar. Queremos que os emigrantes se sintam envolvidos e é por isso que criamos o Gabinete de Apoio ao Emigrante, é por isso que temos missões ao exterior e é por isso que queremos que a nossa Rádio Comunitária chegue à emigração através da Internet. O município é um todo, do qual fazem parte os que estão cá dentro e os que estão lá fora e o desenvolvimento passa por todos. Cada um tem as suas responsabilidades e é essa a mensagem que queremos passar, porque os desafios são para toda a gente e, quer os resultados sejam positivos ou negativos, são o resultado do nosso trabalho. Cabo Verde é agora um país de rendimento médio e isso exige muitos sacrifícios. Temos de trabalhar mais, produzir mais, ser mais responsáveis, mais patriotas e ter mais respeito pela cidadania.

REALIZAÇÕES DA CÂMARA MUNICIPAL

Adução de água ao domicílio de Mormorial, zona vizinha de Ribeira Brava, já dispõe de água canalizada. O projecto foi financiado pelas Nações Unidas em cerca de mil contos e vem satisfazer uma das suas maiores reivindicações da comunidade.

Adução de Água ao domicílio na localidade de Mormorial



Arranque da estrada que irá desencravar o Carrizal



Gabinete de Apoio ao Emigrante



• Chafariz de Juncalinho

Tendo sido a primeira prioridade apresentada pela população no encontro com a Câmara, o chafariz vem resolver a grande carência de água vivida pela população local. A obra foi financiada pelas Nações Unidas em cerca de mil e duzentos contos. Ainda no presente mandato a câmara pretende abastecer a localidade de Juncalinho com água dessalinizada e adução a todas as residências.

• Ponte de acesso a Campinho Norte

Construída com o objectivo de desencravar a localidade e melhorar os acessos, a obra custou cerca de 5 mil contos. A infra-estrutura foi financiada pela Câmara Municipal e contou também com a participação da população local.

Com a construção da estrada, a zona de Campinho Norte ficou mais valorizada, possibilitando um rápido acesso e a possibilidade de aumentar a exploração Agrícola e o número de construções na zona.

• Recuperação do Aqueduto de Fundo Talho

A Estrada suportada pela nova parede, apresentando novas dimensões e maior segurança, além de garantir um acesso mais seguro à vila de Ribeira Brava, às populações de Talho Campinho e Água das Patas. O custo da obra é de mais de 5 mil contos.

A reabilitação da estrada possibilitou, além da melhoria das condições de segurança, o alargamento da mesma e a possibilidade de dar acesso à zona de Chã de Talho.

• Arruamento e calçamento Est. Brás

A população de Estância Brás vê assim respondida uma das suas principais reivindicações, dispondo

agora de maior qualidade de vida e higiene pública.

• Arranque da estrada que irá desencravar o Carriçal

A nova via para o Carriçal será construída por fases num custo total de mais cem mil contos.

Carriçal é uma localidade afastada da Vila Ribeira Brava cerca de 42 Km. Cerca de 20Km de estrada são de deficiente acesso. Com o desencravamento de Carriçal a localidade ganhará uma nova dinâmica e sustentabilidade, tendo em conta as suas potencialidades no domínio da pesca, da agricultura e mesmo do turismo.

• Remoção e calçamento da Ladeira S. João

Inserido no programa de requalificação das ruas da Ribeira Brava, o calçamento da Ladeira S. João vem trazer mais beleza e comodidade a esta via muito usada pela população da vila.

• Casa do imigrante

A Casa do Imigrante de São Nicolau é uma instituição ao serviço dos são nicolenses, na diáspora e não só. O projecto visa criar uma ponte entre a comunidade imigrante e o país. Através da instituição os imigrantes podem requerer documentos, obter informações sobre formas de investimento no país e estar em permanente contacto com a ilha.



Arruamento e calçamento Est. Brás



Remoção e calçamento da Ladeira S. João



Recuperação do Aqueduto de Fundo Talho



Ponte de acesso a Campinho Norte

Simplicidade, humanismo, sabedoria e muita “morabeza”, sempre com um sorriso no rosto e simpatia para dar a quem chega à Ribeira Brava. Assim são as gentes da terra, da vila, da ilha de “Chiquinho”, de Baltazar Lopes, do Seminário de São José, do mesmo Seminário-Liceu ou ainda do Externato, por onde passaram alguns dos grandes nomes que ajudaram a edificar a história, a cultura e a intelectualidade nacional.

Aqui foi o berço, aqui reside ainda uma força “adormecida” entre a população que luta contra as adversidades, pelo desenvolvimento e pelo reconhecimento da sua importância na formação de uma parte importante da história de Cabo Verde. Das tradições à história que desempenhou na formação da Educação nacional, da beleza arquitectónica das casas antigas coloniais, ao movimento das ruas e canais estreitos, empreita a vontade de um povo que quer ver devolvido o seu património histórico, o seu património que é acima de tudo um património nacional. **A revista Ribeira Brava deixa-lhe aqui um pouco da história da vida da Vila e o testemunho na primeira pessoa, daqueles que sendo filhos da terra, presenciaram o seu desenvolvimento e assistiram à ponte histórica entre o passado e o presente.**

Vila – o centro social, cultural e económico de São Nicolau

Sui generis na sua beleza arquitectónica, a Vila da Ribeira Brava vai completar 278 anos, no próximo dia



30 de Agosto, da categoria de elevação da antiga Povoação da Ribeira Brava a Vila. Enquanto centro logístico, social, económico e cultural, a Vila desempenhou ao longo dos anos do seu achamento um papel preponderante no desenvolvimento de São Nicolau. Recorde-se que até 2005 este município foi a capital de São Nicolau, altura em que se deu a divisão administrativa em dois municípios: Ribeira Brava e Tarrafal.

Era na Vila que se desenrolava toda a vida da Vila. Contam os mais velhos que, antigamente, vinham gentes de toda a ilha, muitos a pé,

para ali venderem os seus produtos. Maria Amélia Leite, de 74 anos, natural do Caleijão, recorda com alguma saudade os tempos idos. “Desde criança que vinha com a minha mãe a pé do Caleijão para vender lenha na vila, no sítio que chamávamos pelourinho. Aqui era o centro onde tudo acontecia”, conta, enquanto vende alguns bolos e doces feitos artesanalmente por si. Agora, os tempos são outros, Amélia já não vem a pé, até porque as pernas já não têm a força da juventude, mas continua a vir para a Vila vender os seus produtos, num ritual que ainda é partilhado



Maria Amélia Leite

por muitas mulheres e homens dos arredores da Vila, apesar de hoje haver um Mercado Municipal onde se encontram os produtos naturais da terra, cultivados pelos agricultores locais que vão sobrevivendo, apesar da falta de um circuito eficaz de comercialização e distribuição dos seus produtos agrícolas.

Apesar do fluxo da emigração ocorrido nos últimos anos, ditado pela falta de emprego na ilha, muitos foram aqueles que ficaram para lutar pelo desenvolvimento da sua terra, acreditando que é possível devolver à Ribeira Brava, o papel importante que ocupou no passado histórico e cultural de Cabo Verde.

Maria Natalina Maximiano Fonseca foi uma dessas mulheres que não se deixaram render ao sonho ou, muitas vezes à “ilusão” da emigração. Professora primária durante 33 anos, Natalina nasceu na Ladeira, de onde recorda as suas brincadeiras de criança com saudade.

“Brincávamos à “titchela”, que é à apanhada. Saltávamos à corda e como junto à minha casa havia uma ladeira, tínhamos o costume de pôr sabão numa tábua e deslizávamos por ali abaixo...Hoje as brincadeiras são outras, mas nós divertíamo-nos muito naquele tempo”, conta esta professora reformada de 69 anos.

Ser professora e ajudar a sua terra era um sonho que Natalina guardava desde criança. “Nas horas de brincadeira, sentávamo-nos no chão e eu fazia de professora. Arranjava pedaços de papel e lápis para ensinar às outras crianças e elas respeitavam-me porque eu fazia aquilo com muita seriedade”, refere com saudade Natalina.

Sempre boa aluna e estudiosa, fez a 4ª classe na Vila com apenas dez anos, mas na altura o pai não tinha condições para a mandar para São Vicente estudar, porque na Ribeira Brava não havia escola para prosseguir estudos, naquela altura.



“Eu tinha um irmão mais velho que era rapaz e o meu pai achou que ele é que devia ir para São Vicente estudar. E eu fiquei por cá. Mas a vontade ficou sempre comigo”, confessa Natalina encontra nos mostra fotografias dos filhos emigrados.

Natalina teve a sorte de encontrar uma professora da Vila que a convidou para ir para São Vicente fazer uma formação de monitora escolar, mas mesmo assim, a ida não foi fácil. “O meu marido não gostou muito da ideia de ir mas fui”.

Ensinar foi sempre uma paixão

Estava dado o salto para poder chegar mais longe. “Comecei como monitora escolar nos anos 70, depois fiz o 2ºano do Ciclo Preparatório e ingressei logo como professora do quadro. Primeiro trabalhei na vila durante sete meses, porque havia uma professora doente e eu fui substituí-la numa turma da 4ª classe. No ano seguinte fizeram a minha nomeação e fui dar aulas para a escola de Caleijão, numa turma composta, de rapazes e raparigas e três classes diferentes. Um dia veio um

pedagogo de Angola que me perguntou se eu era “boa da cabeça” por trabalhar com três turmas diferentes na mesma sala. Lá ensinei durante cerca de quatro anos. Depois vim para a vila leccionar e cá fiquei”, conta Natalina que dedicou uma vida ao ensino.

Nos primeiros anos de trabalho esta professora, querida por todos na Vila, confessa que o ensino se fazia de uma forma mais tranquila.

“Os alunos eram mais humildes, aprendiam mais depressa porque não havia muitas distrações. Tinham mais gosto pela escola, estu-



Maria Natalina

davam mais. Mas, nos últimos anos já não foi assim, foi muito mais difícil. A última classe com quem trabalhei foi uma turma que leccionei da 1ª à 4ª classe e eles eram muito traquinas. Hoje as crianças têm mais espaço para brincar à vontade nas escolas porque têm polivalentes, mas antigamente não. Por exemplo, no Calejão brincávamos na rua, na calçada de pedra com brincadeiras de roda, jogos tradicionais, saltávamos à corda...hoje as crianças já têm outras brincadeiras e na vila as escolas já têm mais espaços para brincar”.

Sempre orgulhosa da história da sua terra e do seu povo, Natalina nunca deixou de transmitir esse legado às crianças. “Procurei sempre ensinar e falar sobre a história de Cabo Ver-



de e de São Nicolau. Contava como a vida era antigamente, falava sobre as tradições e lendas da ilha e elas gostavam. Contava a lenda da “Mané Branquinha”, que dizia que se os meninos não estudassem e fizessem muitas traquinices ela aparecia para os comer, mas eles não acreditavam e riam-se porque sabiam que era uma brincadeira. Foram as mesmas histórias que me contaram quando eu era criança. Contava a minha experiência profissional sobre a minha infância para eles compreenderem como se vivia no passado. Antigamente à noite

como não havia luz, os nossos pais não nos deixavam brincar cá fora. Só quando havia noites de luar, é que as crianças da rua se juntavam em grupo para brincar”.

Agora a vida é diferente. Apesar de não gostar de criticar a juventude, afirma que as crianças e adolescentes têm mais liberdade. Sinais da modernidade e desenvolvimento. “Quando eu comecei a namorar com o meu marido tinha 15 anos mas era tudo às escondidas. Não havia as facilidades que há hoje. À noite ia buscar uma latinha de água na Passagem para poder encontrar-me com ele. Às vezes ia levar o lixo só para o ver. Outras vezes eu ficava na janela e ele ficava lá em baixo na rua... Toda a gente sabe que hoje as coisas são diferentes. Não que nós, antigamente não fizéssemos também as nossa “coisas”, mas eram com cuidado e respeito pelos pais”.

Da sua Ribeira Brava só tem bem a dizer e relembra com alegria o tempo em que “as pessoas vinham da zona Leste para vender lenha, outros traziam balaios com vasilhas de leite... aqui se vendia de tudo.”

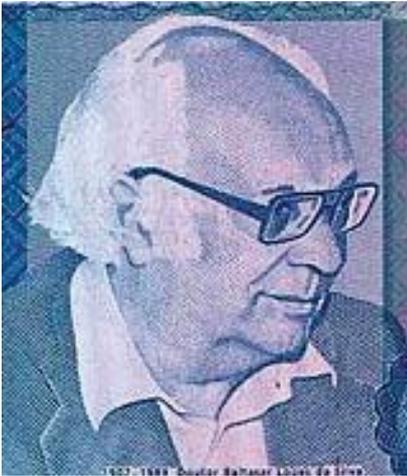
Naquele tempo Ribeira Brava não tinha muitas casas como agora, eram casas mais modestas, mas Natalina afirma que as pessoas viviam bem, “com pobreza, mas bem”. Aos fins-de-semana, o encontro da Vila era nos jogos de futebol. Entre poeira e muita agitação a festa era rija. Depois havia também os bailes que Natalina não perdia. “Tínhamos o baile de tarde com rabeça, violão, cavaquinho, morna mazurca e valsa. Depois haviam e ainda continuam as festas de romaria. São João, São Pedro e Santo António, assim como as religiosas, Natal, Páscoa e Nossa Senhora do Rosário.

“As festas fazem parte da cultura e da história de um povo e eu acho que estamos a reanimar a nossa cultura em São Nicolau. Temos a escola de música, mas falta um espaço para teatro, porque é preciso reavivar o te-



atro cá. Lembro-me em criança de ir para o Calejão e ensaiar “teatrinhos” com as irmãs, depois quando cresci, o padre Jesualdo, que era um homem muito dedicado ao teatro, também continuava a dinamizar peças, mas depois, infelizmente, o teatro foi desaparecendo. É pena porque as pessoas gostavam de fazer teatro e havia muito público para assistir. Gostava de ver renascer o teatro na Vila. “Eu acho que Ribeira Brava cresceu, deu um pulo com a emigração, há mais qualidade de vida, houve muito desenvolvimento mas ainda podemos ir mais longe”.





SEMINÁRIO LICEU

Berço da cultura e intelectualidade

○ Seminário-Liceu, um edifício colonial para educação do clérigo e onde o ensino escolar secundário da ilha começou como um serviço público, foi criado pelo decreto de 3 de Setembro de 1866 e nele ensinaram grandes nomes da história da ilha como monsenhor António José de Oliveira Bouças, autor dos Almanques Luso Africanos e da revista cultural “A Esperança”. Querido na ilha, ele é um dos homens de respeito que por lá passaram, e que é lembrado pelas suas qualidades humanas e pedagógicas, como já não existem muitas hoje em dia. O Seminário-Liceu veio a ser instalado na residência do Dr. Júlio José Dias, médico importante e também pessoa admirada na Ribeira Brava. Hoje o Seminário subsiste para além da história e nele reside o padre Capuchinho Frei João António Araújo que reconhece o valor que o Seminário teve na formação de intelectuais, não só para Cabo Verde mas para toda a colónia portuguesa. “O Seminário de São Nicolau é conhecido em toda a parte do mundo. Em África, na Europa...O Seminário teve a sua importância e ainda tem. Aqui foi o berço cultural de Cabo Verde e o coração de São Nicolau. Se Cabo Verde se tornou independente, em parte é graças ao Seminário porque os pais de Amílcar Cabral, de Aristides Pereira

e de toda aquela “gente”, passaram por aqui. Foram funcionários da colónia portuguesa e puderam dar aos

Sacerdotes, mas também intelectuais”, afirma Frei João conhecido e respeitado por todos na ilha.



filhos escola. Fizeram aquilo que, hoje, toda a gente reconhece para que Cabo Verde fosse independente e São Nicolau desde longa data que teve o seu papel também. Os cabo-verdianos não se podem esquecer disso, nem os saonicolanenses. Este Seminário serviu não só para formar



Devolver o ensino ao Seminário

Frei João gostava de ver o Seminário transformado num pólo universitário ou liceu. "Aqui nasceu a primeira universidade de Cabo Verde, depois da Cidade Velha também, quando os Jesuítas levaram para a frente o Seminário. Mas, como aqui, foi Seminário Liceu, ao menos poderiam atribuir-lhe essa função novamente. O edifício está pronto e tem todas as condições para receber aulas. Aos Domingos enche-se de crianças para a catequese, mas mesmo assim, merece o seu devido valor. É demasiado grande e torna-se um desperdício servir só para casa do pároco. A sua vocação é de escola e é numa escola que deveria ser transformado. Se a diocese pudesse abrir aqui um Seminário para formar o clero, seria o ideal... mas as vocações são poucas e nós não estamos em condições financeiras de abrir um Seminário para leccionar Teologia. Inicialmente quando foi restaurado, na minha opinião, não da melhor forma, este edifício ia ficar para o Governo e as autoridades iam construir outra casa paroquial, mas nunca fizeram essa obra e o Seminário tomou-se uma casa paroquial. Infelizmente, do Seminário apenas resta o nome, o turista quando vem só vê a parte de fora", desabafa Frei João, que em 1979 foi ordenado sacerdote para a ilha de São Nicolau, como membro



dos Capuchinhos da província de Turim. Trabalhou nas suas missões em Portugal, nos Estados Unidos, mas foi na paróquia da Nossa Senhora do Rosário e da Lapa, que veio assentar raízes na sua terra natal, para também ele ajudar a contribuir para o desenvolvimento da educação e cidadania na Ribeira Brava.

Baltasar Lopes da Silva filho querido da terra

Baltasar Lopes dispensa apresentações. Todos o conhecem e reconhecem o seu talento e valor enquanto escritor, poeta e linguista de Cabo Verde, que escreveu em português e em crioulo. Ele foi um dos intelectuais que passaram pelo

Seminário e que elevam o nome de São Nicolau no panorama literário nacional. Nasceu em Caleijão, São Nicolau, 23 de Abril de 1907 e veio a falecer em Lisboa, a 28 de Maio de 1989. Juntamente com dois grandes nomes da escrita, Manuel Lopes e Jorge Barbosa, foi fundador da revista *Claridade*. Em alguns dos seus poemas usou o pseudónimo de Osvaldo Alcântara e entre as suas obras se destaca o romance "Chiquinho", que faz com que São Nicolau seja conhecido pela ilha com o mesmo nome. Orgulho das gentes da terra, Baltasar Lopes tem uma praça em sua homenagem bem no coração da Vila, em memória do seu contributo para a formação da intelectualidade nacional, assim como do movimento Claridoso.



ORFANATO DE CALEIJÃO

O centro de formação feminino por excelência



Situado no alto de Caleijão com uma vista privilegiada e deslumbrante o Orfanato de Caleijão desempenhou um papel importante na formação e educação de meninas em Cabo Verde. Por lá passaram crianças e jovens adolescentes de várias ilhas de Cabo Verde que aprenderam a ser mulheres com

as irmãs religiosas do Amor de Deus. Irmã Rosa da Cruz é natural de São Nicolau e conhece como ninguém a história e vida daquele orfanato, que frequentou de 1943 a 1949, altura em que foi para Coimbra fazer formação para também ela se tornar uma das irmãs, que ainda hoje desenvolvem um reconhecido e meritório trabalho

na formação de crianças na Ribeira Brava. Fica aqui na primeira pessoa, numa visita cheia de emoções e memórias que perduram no tempo, a história do Orfanato de Caleijão, que também ele contribui para que São Nicolau seja um património com história que merece ser reconhecido nacionalmente.



“Se a memória não me falha entre 1940 / 43 não choveu em Cabo Verde, nem em São Nicolau, houve uma grande fome. As famílias começaram a ficar dispersas porque as crianças saíam da periferia e vinham para a vila à procura de pão para comer. Então, o Bispo D. Faustino mais o “Sócrates”, se bem me lembro, pensaram que uma congregação religiosa poderia acolher estas crianças, que estavam abandonadas porque os pais morriam e eles ficavam órfãos. D. Faustino foi à procura de religiosas que aceitassem vir para Cabo Verde e ouviu falar das religiosas do Amor de Deus e foi a Espanha falar com o nosso Conselho Geral, que mostrou grande desejo de expandir a sua acção missionária e acabaram por aceitar. Nesse ano de 1943 vieram seis irmãs para Cabo Verde e quando chegaram a São Nicolau já havia um grupo de senhoras missionárias

a tratar dessas crianças, nas dependências do Seminário onde davam comida, instrução primária e ensinavam alguns ofícios, como bordados. Nesta altura o Seminário já não funcionava como Liceu e as irmãs ficaram lá por alguns meses. Nesta mesma data, estavam para chegar os padres Salesianos que vinham para ficar nesta paróquia. O Bispo já tinha transferido a diocese para a cidade da Praia e quem ficou aqui, até à chegada de outros padres foi o secretário do Bispo, o Araújo.

Então, quando os salesianos chegaram esse padre foi para a



Praia e os três padres salesianos assumiram o Seminário. O Bispo mandou as irmãs e as crianças para o Caleijão porque achava que os párocos tinham que ficar mais na vila do que as irmãs.

O edifício do Caleijão já existia. Foi mandado construir por D. Joaquim de Barros. Serviu como sua moradia, como Liceu (quando encerrou o Seminário) e serviu também para encontros cónicos com o Bispo. Mas, em 1917 foi presídio de alemães que andavam nestas águas e foram presos pelas tropas da Marinha Portuguesa. De 1941 a 1943 D. Faustino tomou conta da paróquia. Nesse ano de 1943 estava vago e as irmãs passaram então para lá e começaram a

sua missão. O orfanato tinha lotação para 70 crianças, mas elas chegaram a ter lá 140, porque não podiam negar apoio. Nesta altura foram uma bênção para a ilha. Elas transformaram os salões em camaratas e acomodavam as crianças. Ensinavam a instrução primária e todo o trabalho feminino: bordados, rendas, a cozinhar, entre outras coisas. Vinham crianças de todas as ilhas porque era o único orfanato de Cabo Verde. Em 1975 dá-se a Independência e o Governo começou a dar mais importância aos rapazes do que às meninas e os orfanatos deixaram de existir: este em São Nicolau e outro em São Vicente, que tinha também sido mandado construir para o mesmo efeito. As meninas foram embora e as irmãs ficaram sozinhas naquela casa do Caleijão até 1983. Por esta altura, a nossa Madre geral ao fazer uma visita mandou construir uma moradia na vila, onde estamos agora, porque achava que as irmãs estavam muito isoladas. E aqui ficámos até hoje a cumprir a nossa missão. O orfanato funcionou como uma escola de formação.

Para além das jovens internas, havia meninas que vinham todos os dias a pé da vila para a aprender a bordar, a fazer renda de quatro e cinco agulhas, aprendiam a ser mulheres...”



Irmã Rosa da Cruz



BOLSA

DE VALORES DE CABO VERDE

Emissão de Obrigações Municipais na Bolsa de Valores de Cabo Verde

As Obrigações Municipais são uma modalidade de empréstimo de longo prazo que permite as Câmaras Municipais financiarem a um custo mais baixo os seus projectos locais, como a construção de escolas profissionalizantes, hospitais, habitação social, estradas e saneamento, entre outras providências de serviços.

Norteados, pela importância do desenvolvimento Municipal, o Fundo Monetário Internacional (FMI), a *US. Agency for International Development (USAID)*, entre outras Instituições, têm apoiado e incentivado a emissão de obrigações Municipais tendo já conseguido resultados positivos nos Estados Unidos, Uganda, Filipinas, Zimbábwe, Indonésia, Rússia, África do Sul, Polónia assim como em outros países.

As vantagens são categóricas, e unanimemente se aceita, que as obrigações são mecanismos eficazes para o financiamento de Empresas, Estados, Organizações Internacionais e de Municípios. Destacam-se as seguintes vantagens:

- 1) A emissão de Obrigações trará mais visibilidade aos Municípios e traduzirá numa melhor organização com uma gestão mais dinâmica, transparente e eficiente que, por conseguinte, pode fomentar o surgimento de Parcerias Público-Privadas, Parcerias Público-Público e *Project Finance*, destinados a grandes projectos de investimentos, como por exemplo: construção de grandes hospitais, Universidades, aeroporto, vias de acesso, parque de energias renováveis, central eléctrica, entre outros.

- 2) Nos empréstimos tradicionais, em regra, todos os meses é exigido o pagamento de juro e capital. Nas obrigações, o município pode deferir o pagamento do montante do empréstimo para o final da maturidade pagando, durante a vida das obrigações, apenas juros, deixando assim a tesouraria mais “desafogada”.
- 3) A taxa de juro das obrigações é mais baixa que a dos tradicionais empréstimos porque existem vários investidores possibilitando assim, a dispersão do risco entre vários financiadores.
- 4) As obrigações são tributadas a uma taxa de imposto de 5%, isto, significa que os investidores estarão dispostos a aceitar uma taxa mais baixa porque tem menos encargos fiscais comparativamente a outros custos de *funding*, cuja taxa de imposto é de 20%

Além das vantagens acima referidas os Municípios na emissão poderão usufruir de aval (garantia) do Estado de acordo com o disposto do artigo nº8, 14 do Decreto-lei de Financiamento as Autarquias.

Neste momento está em curso um projecto de Emissão de Obrigações Municipais que se encontra em fase de conclusão, entretanto, a Bolsa de Valores de Cabo Verde está inteiramente disponível para prestar informações adicionais.

asa

Empresa Nacional de Aeroportos e Segurança Aérea

Um ano após a inauguração do Aeroporto Internacional da Boa Vista (ABV), a ASA, (Empresa Nacional de Aeroportos e Segurança Aérea, S.A.), congratula-se com os resultados altamente satisfatórios alcançados neste curto período de tempo.

One year after the inauguration of Boa Vista's International Airport (BVIA), the company responsible for the management of Cape Verde's airports, ASA, is pleased with the highly satisfactory results achieved during this short period of time.

A abertura do Aeroporto Internacional da Boa Vista, a 31 de Outubro de 2007, marcou a génese de uma nova era para a Ilha das Dunas que passou a estar habilitada para operações aéreas internacionais, tendo recebido, a 19 de Dezembro de 2007 (oriundo de Verona - Itália) o seu primeiro voo charter.

A ASA, na qualidade de gestora dos aeroportos de Cabo Verde, está satisfeita com a concretização dessa expectativa que representa um marco importante na história do turismo e dos transportes aéreos na Ilha da Boa Vista e de Cabo Verde.

O ABV vem contribuindo para a aceleração do desenvolvimento económico e social e a conseqüente melhoria da qualidade de vida dos habitantes da ilha. Um ano após o seu arranque, os resultados conseguidos perspectivam um futuro de muito sucesso para a infra-estrutura.

Em Dezembro de 2007 o registo de movimentos havidos no ABV foi de 5.168 passageiros domésticos e internacionais: Porém, em menos de um ano, (Setembro de 2008), essa cifra aumentou substancialmente atingindo um total de 64.116 passageiros. A ASA prevê que, até o final do ano, mais de 76.975 passageiros passarão por esse aeroporto.

A viabilização do aeroporto internacional demonstra a aposta do Governo e da ASA em contribuir para o progresso de Cabo Verde. Os resultados alcançados reforçam, igualmente, a forte convicção de que juntos, ASA e os seus parceiros, continuarão a desenvolver iniciativas que promovam os negócios, os aeroportos e os transportes aéreos, bem como a contínua melhoria dos serviços aos passageiros.



SEDE:

Aeroporto Internacional Amílcar Cabral
Ilha do Sal – Cabo Verde
Telefone: 241 13 94/72 Fax: 241 15 70/25 37
E-mail: info@asa.cv – Balcão de Informação: Tel.: 241 12 29

AEROPORTOS:

São Pedro – Ilha de São Vicente Tel.: 232 37 15
E-mail: asa.asp@cvtelecom.cv
Aeroporto da Praia – Ilha de Santiago – Tel.: 263 93 35
E-mail: asa.adp@asa.cv

ASA satisfeita com o primeiro ano de prestação do Aeroporto da Boa Vista

ASA is pleased with Boa Vista's Airport, after its first year



The opening of Boa Vista's International Airport, on October 31, 2007, marked the beginning of a new era for the Island of Dunes which could, from that day on, receive international flights, the first of which (a charter flight) came from Verona, Italy, on December 19, 2007.

As the company responsible to manage Cape Verde's airports, ASA is pleased with the fulfillment of that expectation, which represents an important landmark in the history of tourism and air transports on Boa Vista Island and in Cape Verde.



BVIA has been contributing to accelerate the island's economic and social development and, consequently, to improve the quality of life of its inhabitants. One year after its opening, the results that were achieved point to a very successful future for this infrastructure.

Up to December 2007, 5168 domestic and international passengers had come through Boa Vista's Airport. However, in less than a year, by September 2008, that number went up substantially, reaching a total of 64,116 passengers. ASA predicts that, by the end of this year, more than 76,975 passengers will have come through the airport.



The construction of Boa Vista's International Airport shows that the Government and ASA are committed to Cape Verde's development. The results achieved so far also reinforce the strong conviction that, together, ASA and its partners will continue to develop initiatives that promote business, airports, air transports, as well as the continuous improvement of the services rendered to passengers.



AERÓDROMOS:

Maio – Ilha do Maio – Tel.: 255 11 08 –

E-mail: admaio@asa.cv

São Filipe – Ilha do Fogo – Tel.: 281 21 07

E-mail: adfogo@asa.cv

Rabil – Ilha da Boavista – Tel.: 251 13 13

E-mail: adboavista@asa.cv

Preguiça – Ilhade São Nicolau – Tel.: 235 13 13

E-mail: adsnicolau@asa.cv

Ponta do Sol – Ilha de Santo Antão – Tel.: 225 11 33

E-mail: adsantao@asa.cv



Agricultor vai criar empresa de comercialização e transformação de produtos



João Fortes tem 43 anos é natural de Queimadas e é um dos cerca de 200 agricultores do Vale de Fajã, uma das localidades com maior expressão no sector agrícola da região.

Há semelhança de muitos agregados familiares locais, desde criança que João Fortes aprendeu que a agricultura constitui o sustento para a grande maioria da população da região. Os que não se aventuraram na esperança da emigração foram ficando pela terra, cultivando uma agricultura de subsistência sem grandes objectivos de expansão do negócio. Mas, hoje, a realidade da ilha é outra

e as oportunidades do sector estão bem perto, na ilha do Sal e da Boa Vista. João Fortes tem uma visão mais empreendedora do que os seus antepassados, em parte graças à dinâmica de desenvolvimento que a ilha começa a enfrentar, mas também devido à abertura de novas oportunidades e há mudança dos tempos.

É que a modernidade traz novos desafios e João Fortes está consciente de que é preciso dinamizar a agricultura recorrendo a circuitos de comercialização e distribuição dos produtos.

No Vale de Fajã existem cerca de 40 hectares em produção equipados com a rega gota a gota, fruto de alguns projectos de modernização da agricultura. No entanto, apesar das boas produções de papaia, banana, mandioca, batata doce e outros hortícolas, este agricultor não tem como escoar os seus produtos para os mercados do Sal e Boa Vista, onde existem vários clientes interessados. É que, como reclama, não existe um transporte marítimo eficiente entre São Nicolau e a ilha do Sal.

“A ilha do Sal é um bom mercado, há muita procura mas infelizmente existe uma grande deficiência de ligações marítimas entre as duas ilhas o que faz com que os agricultores, apesar de terem condições para produzir mais, não arrisquem porque

depois não têm como escoar o seus produtos”, explica o agricultor do Vale de Fajã.

Segundo João Fortes, principalmente na época das chuvas os agri-



cultores costumam ter excedentes de produção e muitas vezes acabam por recorrer à transformação de produtos como a papaia e o tomate, para não deixarem estragar os produtos.

“Só eu, neste momento anualmente produzo cerca de quatro toneladas de tomate e não tenho

como escoar tanto produto. Acabo por ter de recorrer à transformação”, refere o agricultor enquanto mostra à revista Ribeira Brava um bloco de notas, onde manualmente aponta toda a contabilidade da sua produção.

João Fortes possui 2 hectares quase cobertos na totalidade com a rega gota a gota, distribuídos por Queimadas e Fajã. Na época das chuvas chega também a produzir na zona do Cachaço, onde passa haver maior disponibilidade de água.

Microempresa de comercialização e transformação de produtos.



Consciente da necessidade de criar condições para poder expandir o negócio e mais facilmente escoar os seus produtos, João Fortes tem um projecto para criar uma microempresa de comercialização e transformação de produtos. Com esta iniciativa este agricultor pretende dar para já trabalho a cerca de 7 pessoas e assim contribuir



para o desenvolvimento da ilha e sustentabilidade local.

“Estou a trabalhar com um contabilista para apurar qual o investimento necessário para criar a minha empresa e depois averiguar as questões de empréstimo”, explica o agricultor.

Para além de financiamento, João Fortes salienta que vai precisar também de mão-de-obra qualificada para trabalhar na unidade de transformação que está a criar.

“Precisamos de formação específica na área. Já tivemos alguma formação mas precisamos de reciclar de acordo com as novas tecnologias. É que, para podermos colocar os nossos produtos em qualquer ilha do país com qualidade, temos de ter capacidade para competir no mercado”, conclui João Fortes na esperança de que os apoios que o Primeiro-ministro José Maria Neves recentemente prometeu para a ilha venham a tornar-se realidade em breve.



- Um olhar de fora... São Nicolau encanta Petra Lanz



Numa visita feita recentemente à ilha de São Nicolau, Petra Lanz, representante da Plataforma das Nações Unidas para Cabo Verde, não escondeu o encanto e o fascínio pela cultura, paisagem e morabeza das gentes da ilha de “Chiquinho”. Em entrevista à revista Ribeira Brava, Lanz destaca o papel que a ilha teve na formação da Educação e Cultura nacionais e defende uma aposta no turismo cultural.

O que tem São Nicolau e que a fascina em particular?

A ilha de São Nicolau parece ser o segredo mais bem guardado de Cabo Verde. A ilha tem paisagens fascinantes, tanto no interior como na orla costeira, que são pouco conhecidas dos cabo-verdianos. A biodiversidade que podemos encontrar no Monte Gordo é simplesmente espectacular. Por si só já vale a pena ir a São Nicolau. A vila de Ribeira Brava é uma vila que aspira a modernizar-se mas guarda ao mesmo tempo muitos dos traços antigos, que são o cartão de visita da ilha: ruas estreitas, praças bonitas, lojas com balcão. Tudo isto, conjugado com a segurança que se vive na ilha, transmite uma sensação de paz e suscita uma grande nostalgia pelas coisas simples do passado. Não posso deixar de terminar sem me referir à qualidade do grogue e do atum!

Sendo uma ilha culturalmente forte, berço do primeiro liceu nacional, na sua opinião, o que deve ser feito para resgatar o orgulho perdido e fazer renascer na população todo o seu potencial cultural?

Esta afirmação parece ser um bocado forte. Mas, na minha opinião, de acordo com a própria história, a ilha de São Nicolau viveu um certo protagonismo cultural, num deter-

minado contexto, sendo a sua contribuição para a consolidação da intelectualidade do país amplamente reconhecida.

Entretanto, o desenvolvimento económico mais rápido em outras ilhas, a maior abertura a influências exteriores fizeram com que o sector da Educação se desenvolvesse igualmente nessas ilhas, tendo a ilha de São Nicolau perdido esse protagonismo e há muito deixado de ser um destino dos cabo-verdianos para completarem o ensino secundário. No entanto, continuo a insistir que o turismo cultural é um grande potencial para a ilha. Isto poderá contribuir para atrair pessoas, turistas nacionais e estrangeiros, a mergulharem na história cultural e na própria cultura da ilha, constituindo assim um veículo de divulgação das ofertas que ela disponibiliza como alternativa a outras ilhas.

Na sua opinião quais as linhas-força do desenvolvimento da ilha de São Nicolau?

O desenvolvimento de São Nicolau deverá passar pela criação de sinergias entre diversos sectores: cultura, agricultura, pesca, eco-turismo e outros a serem identificados. Por exemplo, no domínio do eco-turismo, existe uma grande potenciali-

dade que é o facto de a ilha ter já um Parque Natural (o Parque do Monte Gordo), que, tendo uma abordagem de desenvolvimento integrado e sustentável, poderá contribuir para que São Nicolau, no contexto do desenvolvimento nacional ocupe um lugar de destaque. Outros nichos de desenvolvimento muito específicos poderão ser identificados e explorados: turismo médico (areia preta), nidificação de tartarugas, pesca desportiva, etc.

Para si, o que é que falta fazer na ilha, para que ela assumo o lugar que lhe cabe no processo de desenvolvimento do arquipélago?

Como qualquer região que aspira a desenvolver-se os investimentos deverão continuar no sector das infra-estruturas, como no sector da água, energia e vias de acesso (estradas), melhoria das ligações áreas e marítimas. Esta continuidade poderá permitir o desenvolvimento dos sectores de transformação como a pesca, a agricultura e o turismo. Note-se que São Nicolau tem também uma vocação no domínio da indústria de transformação do pescado e de produtos agrícolas, a qual deverá constituir uma grande aposta para o reforço e o desenvolvimento dessas actividades económicas.

Ribeira Brava reaviva tradição musical

Ilha de forte tradição musical, São Nicolau já deu muitos músicos ao arquipélago. Os bailes de rabeca e saraus de canto continuam preenchendo as noites de Ribeira Brava.

Presentes na memória de todos continuam nomes como o do violinista Da Cruz, Luís Gonzaga, Chico Djodje, Carlos Germano já com um disco gravado, Toni Marques artista já com várias composições no mercado como a famosa coladeira “Carnaval d’ tentativa” interpretado por Mité Costa e Djosinha, e o famoso violinista Mané Pixei.

Nho Raul, de 70 anos, ex tocador de violino aprendeu a tocar a rabeca com o pai, Mané Pixei e conta-nos como a música preenchia as noites da vila. Lembra, com saudades, as longas noites de bailes que só terminavam já dia claro. “Eu próprio cheguei a tocar cinco noites seguidas o que mandava era a vontade e a disposição dos dançarinos”

Mornas coladeiras Valsa mazurca contradança e xutiçe são os estilos Mais antigos de que Nho Raul se lembra de tocar. No passado conta Nho Raul os bailes eram só com música instrumental e instrumentos acústicos. “Os tocadores de hoje tocam menos e recebem mais, os tempos são outros”, finaliza.

Escola de música prepara os novos talentos da ilha

O edifício da antiga irmandade de Ribeira Brava ganha às terças e quintas uma vida nova. Aí se juntam,

duas vezes por semana, 32 alunos que decidiram apreender música.

A funcionar desde do ano passado, a escola de música de vila é fruto do trabalho voluntário do professor Sabino Baessa e da iniciativa camarária de não deixar morrer a tradição musical do concelho.

Sabino Baessa, ex emigrante nos Estados Unidos, encontrou no ensino da música uma forma de ocupar o seu tempo livre e transmitir conhecimentos.

Carpinteiro de profissão, Sabino é saxofonista e aprendeu música desde criança no colégio dos salesianos em São Vicente, onde passou toda a infância e adolescência.

“Neste momento estamos a aprender teoria musical. É uma das grandes lacunas dos músicos da ilha. Depois da teoria passaremos à prática e penso que já estarão preparados para manejar todos os instrumentos”. Explica Baessa.

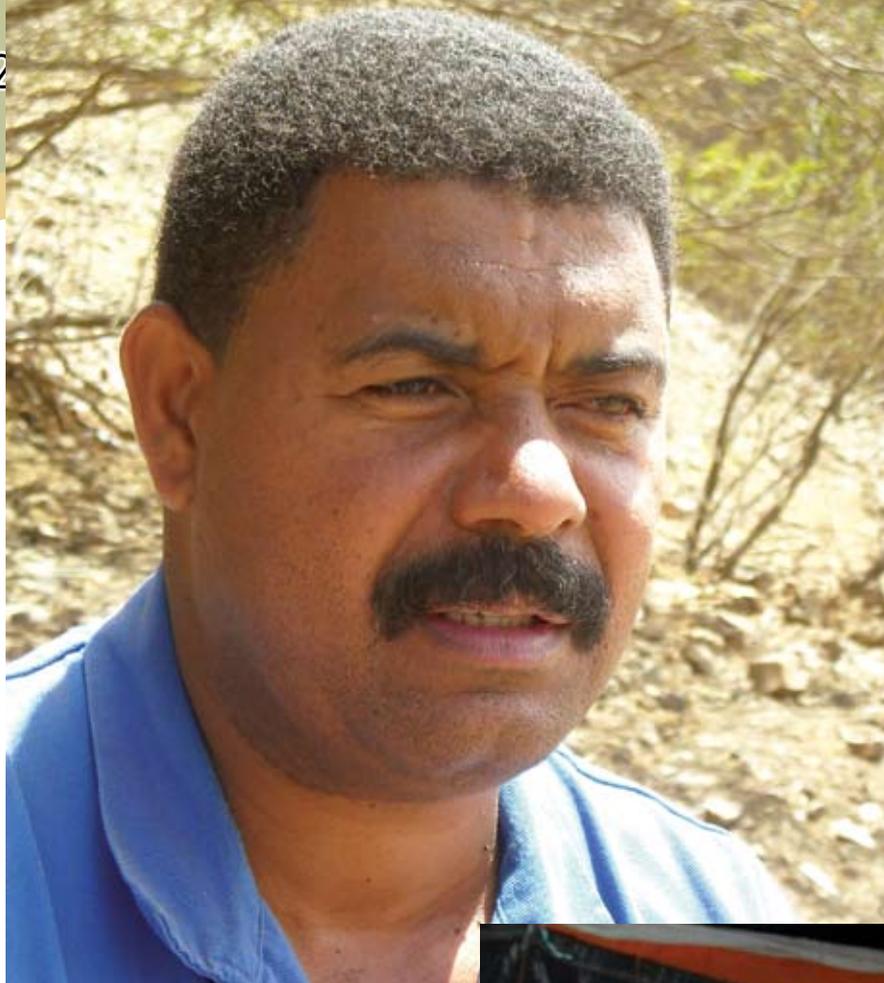
Além de Ribeira Brava, o mestre ensina também na localidade de Queimadas, de onde é natural, contando já com uma turma de 15 alunos.

Daniela da Conceição, de sete anos, e Marcila Moreno, de nove, são duas das suas alu-

nas, empenhadas apesar da tenra idade, que confessam não perder nenhuma aula. Incentivadas pela família, ambas partilham o sonho de aprender a tocar violão.

A escola já conta com um bom espólio de instrumentos oferecidos da cooperação chinesa. “O objectivo é criar depois uma banda municipal” confessa o vereador Carlos Barbosa orgulhoso e confiante nos alunos.





Egídio o homem da rabeca

Egídio começou cedo na música. Como conta, aprendeu observando outros tocadores mais velhos e decidiu que também queria tocar. Ainda se lembra da primeira rabeca que tocou "um instrumento artesanal que fiz usando casca de coco, e pau de carriço". Sendo um instrumento de grande valia na música tradicional cabo-verdiana, Egídio vê com pena o facto dos mais jovens não se interessarem e sonha num futuro próximo transmitir a sua arte, nomeadamente através da abertura de uma escola de ensino de rabeca.

"Revelação" - genuínos de São Nicolau

Com 9 anos de existência o grupo revelação é actualmente um dos principais dinamizadores da música tradicional na ilha, actuando um pouco por toda ilha. Constituído por nove elementos, Revelação é o que se pode considerar um verdadeiro grupo tradicional já que conta com um elemento de cada localidade da ilha como explica o vocalista João Eugênio.

O grupo que também já tem muitas composições, aposta no estilo tradicional lembrando nas suas actuações temas conhecidos do público cabo-verdiano. Apesar de não ter nenhum CD gravado, o grupo tem levado longe a música tradicional e já actuou nos principais festivais do país como Baía das Gatas, Santa Maria, Corraletes em Santo Antão e no festival da Praia da Cruz na Boavista.



Carnaval de Ribeira Brava é o cartão de visita de São Nicolau

Com mais de meio século de história, o Carnaval de São Nicolau começou por ser uma modesta comemoração do dia do rei momo para ser, hoje, uma das principais referências da ilha. Ao longo dos anos, o Carnaval foi ganhando mais cor e dimensão, sem contudo perder as suas particularidades. Hoje, é um dos principais cartões de visita da ilha, atraindo pessoas de todas as ilhas e mesmo do estrangeiro.

Considerado por muitos como um dos Carnavais mais bonitos do arquipélago, o nascimento do Carnaval de São Nicolau data da primeira metade do sec. XX, mais concretamente do ano de 1936, como nos conta António Livramento, uma das últimas memórias vivas do Carnaval na ilha.

Segundo Nhô António, sacristão, a tradição do Carnaval chegou à ilha pelas mãos de um imigrante dos Estados Unidos da América.

Nhô António foi um dos fundadores do grupo “Copacabana”, ainda hoje um dos mais famosos de São Nicolau. “Copacabana” foi o primeiro grupo oficial da ilha. De seu nome original “Equador” o grupo foi fundado em 1952, só anos mais tarde passou a designar-se Copacabana por sugestão do governador de então, que viu no nome “Equador” alguma carga política. A “Copacabana” seguiu-se o grupo “Ladeirista”, hoje “Estrela Azul”, que teve como principais fundadores Toy Marinha, Toni Nha Barba e Zé da Luz.

Antes da tradição dos desfiles, a festa consistia principalmente no baile, que rompia o dia afora. “O Carnaval de antigamente era diferente. Fazíamos um baile com fartura de comida e música tradicional e cada um trajava-se à sua maneira, usando a criatividade e os materiais que havia à disposição”, conta Nhô António. “No fim do baile levávamos a rainha para casa dos pais onde cantávamos uma morna”.

Sacristão há mais de 60 anos, Nhô António estranha quando perguntamos se um sacristão poderia ser um dos foliões mais divertidos numa festa pagã. Como explica “o Carnaval de antigamente era feito com muito respeito. Ninguém podia se ausentar da sala durante a noite de baile e íamos todos juntos para casa. Se alguma moça ficasse grávida já não poderia fazer parte do grupo”.



Trabalho voluntário enriquece a folia de São Nicolau

A partir da década de 50 começaram os desfiles e a pouco e pouco foram sendo introduzidos os carros alegóricos e os andores. Estes eram feitos de madeira e puxados à mão por um grupo de foliões. Trajes mais arrojados foram substituindo os vestidos improvisados com sacos e papel e o Carnaval de São Nicolau foi ganhando mais cor.

Contudo, os anos não mudaram o tradicional “djunta mô” e o trabalho voluntário continua a ser uma das características mais intrínsecas do Carnaval da ilha de Chiquinho. “É este espírito que dá beleza ao nosso Carnaval. Como é feito por amor, cada um dá o melhor de si e põe todo o seu empenho na preparação da festa. O nosso desfile não é premiado mas mesmo assim tudo é preparado ao ínfimo pormenor”, explica Carlos, presidente do grupo “Copacabana”.

Outra particularidade deste Carnaval é a forma de confecção dos andores. Todo o trabalho é feito com Zmebod (uma pasta/cola feita de trigo e água) que depois se mistura com papel de sacos-de-cimento para cobrir a estrutura em arame.

Mais grupos foram nascendo e, apesar de não existir competição, a disputa é renhida pois, cada grupo quer ser o mais aplaudido, numa festa que dura quase uma semana. Toda a vila se mobiliza para preparar o andor, a sala de bailes, a comida e os enfeites. Nada pode falhar.

Os andores são preparados num secretismo total para que nenhum outro grupo descubra as surpresas. “Na semana de Carnaval ninguém dorme. Trabalhamos de dia e preparamos a festa durante a noite” explica Manuel dos Santos, presidente do grupo “Estrela Azul”. Sendo a Câmara o único patrocinador oficial, são os próprios elementos que saem em busca de financiamento para acrescentar brilho e cor aos andores.

Com ponto de partida na zona da Cházinha, o “Copacabana” desce para o Terreiro onde também se juntam o “Estrela Azul” e o grupo do Caleijão.

O desfile começa na noite de sábado para só terminar na terça-feira seguinte à noite. Os grupos desfilam durante três dias. Segunda-feira é o dia de descanso para os grupos oficiais, e é a vez da população, juntamente com o grupo “metê-metê”, animar o terreiro. A máquina do carnaval é ainda animada por músicos que acompanham os desfiles com samba, coladeiras e batucada. Depois dos desfiles já noite alta é a hora do baile. Aí os festeiros dançam até ao raiar do dia.

Trabalho de Bastidores

Enquanto os homens trabalham arduamente nos andores, nos bastidores são as costureiras, que trabalham dia e noite para embelezar rainhas, príncipes e figurantes. Artemisa é uma delas.



Modista há quase 20 anos, Artemisa herdou a profissão da mãe. Tinha 18 anos quando fez o seu primeiro trabalho na confecção de trajes de Carnaval e, desde então, nunca mais parou.

Apesar de contar com sugestões dos grupos, a confecção dos trajes é da sua inteira responsabilidade. Ela própria desenha os modelos inspirando-se em detalhes do quotidiano. “Os trajes de Carnaval exigem muita dedicação. É um trabalho minucioso pois, muitas das peças têm de ser postas manualmente. O ideal seria começar os trabalhos seis meses antes mas não é possível.” Explica Artemisa que, por alturas do Carnaval, recruta sempre mais mão-de-obra. “Usamos os mais diversos materiais para a confecção dos trajes. Além dos tecidos, usamos materiais reciclados como esponja, papel, plástico etc. Actualmente, as próprias figurantes estão mais exigentes, todas querem ser as mais bonitas” realça a costureira. Para responder às novas exigências Artemisa importa material de fora e, muitas vezes, vai ela própria ao Brasil para trazer tudo o que precisa.

Um trabalho intenso, compensado pelo brilho e vida que os trajes ganham em contacto com a alegria dos carnavalescos.





Estádio de Deus lança São Nicolau na senda das grandes competições

Inaugurado 10 de Maio passado, o Estádio Dideus, situado na zona da Chanzinha, foi totalmente remodelado e ampliado, dispondo agora de relva sintética. O estádio sofreu também melhorias no piso e tem agora capacidade para 2000 pessoas além de estar preparado para receber competições internacionais.

A infra-estrutura, orçada em mais de 65 mil contos, contou com o patrocínio do Governo e da Câmara Municipal. “É uma obra que nos enche de satisfação a todos pois São Nicolau há muito que já merecia uma infra-estrutura à altura da ilha” explica o vereador Carlos Barbosa, responsável pelo pelouro do desporto. Barbosa acrescenta ainda que “a ilha, que já foi por cinco vezes vice campeã nacional, tem agora mais um incentivo para ambicionar o título de campeão nacional.

A ilha, que já conta com 8 equipas federadas, entra agora numa dinâmica desportiva, estando em estudo a criação de um novo escalão.

Barbosa considera ainda o novo estádio de Dideus uma mais-valia para os jovens que poderão ocupar o seu tempo livre com uma actividade saudável e edificante.

AJS quer apostar no futebol feminino

O futuro mostra-se promissor para o desporto rei em São Nicolau que já conta com a sua primeira escolinha de futebol. A funcionar há nove meses, a escola fez a sua apresentação pública na cerimónia de inauguração do Estádio municipal e provou ser o novo laboratório de futebol da ilha.

Este é mais um projecto da AJS (Associação de Jovens Solidários) que vem trabalhando junto à população em várias vertentes. De acordo com Elísio Ferreira, vice-presidente da AJS, os principais parceiros da associação são a Câmara Municipal de Ribeira Brava e o município de Abrantes em Portugal, que patrocinou todo o material e equipamento iniciais.

A ideia é incentivar a prática de futebol na ilha. Por isso a associação organizou há pouco tempo um torneio onde participaram equipas infantis das localidades de Preguiça, vila da Ribeira Brava, Fajã e Juncalinho. “A escola tem tido muita receptividade junto da população. Neste momento já temos 90 alunos, nos escalões de sub 14, sub 12 e sub

10 e em cada treino aparecem mais alunos”, explica Elísio.

Para já a escola acolhe meninos da vila de Ribeira Brava e da Preguiça. Além do aspecto físico, a associação conta também com um psicólogo para trabalhar com os pequenos atletas. De acordo com o presidente a escola tem como objectivo neste novo ano trabalhar a formação social e moral dos atletas.

O futebol feminino é também outra meta da associação que pretende alargar o seu leque de parceiros, nomeadamente buscando parcerias junto a outras associações da ilha e na diáspora.

Além da aérea desportiva, a AJS vem trabalhando nos seus sete anos de existência no domínio da acção social, apoio a idosos e crianças.

Para breve a associação prevê a criação de um site para juntar as diversas associações juvenis espalhadas pela ilha.



Descobrir Ribeira Brava



A partir do Vale da Fajã, subindo em direcção ao Parque Natural do Monte Gordo deslumbre-se com a beleza da paisagem

Conhecido por ser um município que ocupou um lugar de destaque na formação da intelectualidade crioula, através da edificação e funcionamento do Seminário de São Nicolau, Ribeira Brava é uma localidade que oferece uma riqueza cultural, paisagística e arquitectónica de uma beleza ímpar, em todo o arquipélago. Os vales e encostas como o da Fajã e o Parque Natural do Monte Gordo oferecem condições únicas para a prática do turismo de natureza e eco-turismo e constituem uns dos pontos mais procurados pelos turistas que visitam a ilha. Mas a beleza da Ribeira Brava não vive só da paisagem deslumbrante. A “morabeza” e a simpatia cabo-verdiana da população local são um autêntico cartão de visita, por um passeio entre as ruas e ruelas da vila, autênticos labirintos, onde em cada esquina espreita uma palavra generosa e um sorriso na arte de bem receber. Motivos não faltam para partir à descoberta da Ribeira Brava. Deixe-se surpreender...

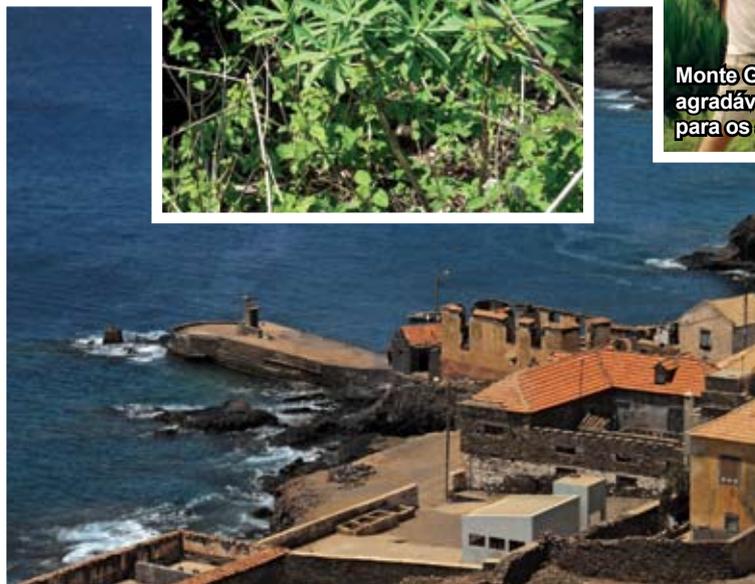


A praça Baltasar Lopes convida a um passeio entre a história e o verde dos jardins

O Tortolho é uma das espécies endémicas do Monte Gordo



Monte Gordo oferece momentos agradáveis em contacto com a natureza para os amantes do eco-turismo



Localizado na Preguiça, o porto com o mesmo nome desempenhou no passado um papel importante na economia da ilha



Na época das chuvas o parque veste-se de verde de uma beleza rara



Na Preguiça ainda são visíveis alguns marcos do colonialismo



O antigo Seminário de São Nicolau foi o berço da intelectualidade da nação e é um local de passagem obrigatória



O Monte Cintinha fica localizado no Cachaço e permite ter uma visão magnífica do Vale da Vila da Ribeira Brava



Perca-se entre as ruas e canais estreitos da vila e parta à descoberta da simpatia das gentes da terra



OFERTA PÚBLICA DE SUBSCRIÇÃO DAS OBRIGAÇÕES DE CABO VERDE FAST FERRY

VAMOS TRANSFORMAR O NOSSO GRANDE CABO VERDE

Entre neste "onda" de patriotismo e ajude a unir Cabo Verde. Invista nas Obrigações da Cabo verde Fast Ferry e ganhe até 9% ao ano. Subscrição disponível em qualquer agência do consórcio de subscrições. Com a garantia da bolsa de valores de Cabo Verde.



Invista no seu País!



Subscrição disponível em qualquer agência do seu banco.



**BOLSA DE VALORES
CABOVERDE**

Onde a sua poupança rende

A Oferta Pública de Subscrição foi objecto de registo na Auditoria Geral do Mercado de Valores Mobiliários sob a referência OPS/002/2009

Ganhe uma viagem com a Halcyonair



De 1 de Maio a 30 de Junho de 2009, a Halcyonair Cabo Verde Airways oferece aos seus clientes a oportunidade de ganharem uma viagem.



Para mais informações, contacte a sua Agência de Viagens ou a Halcyonair através do telefone 241 23 24 ou email: reservas@halcyonair.com

As condições:

Bilhete comprado: Deve ser utilizado no mês da compra; Pode ser adquirido em qualquer tarifa;
Bilhete grátis: O passageiro paga todas as taxas aplicáveis; Não é transmissível; Deve ser reservado e emitido na Halcyonair, através de email reservas@halcyonair.com; e está sujeito a confirmação pela companhia;
Só pode ser utilizado em voos específicos, definidos pela companhia; Deve ser utilizado no prazo máximo de 30 dias, a contar da data da viagem;"

HALCYONAIR - Cabo Verde Airways
SAL - Aeroporto Internacional Amílcar Cabral
Concourse Hall, 1.º andar, CP 142 • Espargos
Telefone: (+238) 241 23 24/74
Fax: (+238) 241 23 62
E-mail: comercial@halcyonair.com

São Vicente
Rua Sena Barcelos
P.O. Box 501
Telefone: (+238) 232 29 60
Fax: (+238) 232 29 62

www.halcyonair.com


Halcyonair
CABO VERDE AIRWAYS

